

Cinco Chagas

A epoca, para o paiz, deveria ser uma aurora deslumbrante de redempção hygienica. Ahi está o pincel anavahante de Monteiro Lobato, a pintar em caricatura sardonica, o typo nacional coberto de chagas — doente perdido na grande terra rica, depauperado, andrajoso, sem media de altura, sem peso physiologico, sem regular perimetro thoraxico, quasi sem taxa de hemoglobina, sem valor dynamometrico... Infeliz gente rural a gritar sem ser devidamente ouvida, a reclamar hygiene, sem saber, ao menos, *esgaravatar orelhas para aguçar as oiças* da nação. E a gente urbana tambem, a affirmar a miseria organica em toda parte, na propria luz das avenidas, proclamando, por seu turno, o aspecto physico da dysgenesia nacional.

Não é só o Jeca em toda a sua plenitude de abandono, de molestia e de desconforto, que povôa este vastissimo hospital fundado pelo espirito arguto do saudoso Miguel Pereira. E' o *polyvalente* (Lutz) do littoral a braços com endemias e sem poder oppor-lhes embargos por deficiencia de meio e por deficiencia tambem

de arsenal prophylatico competente. Esta é a triste verdade do aspecto sanitario de um paiz, cujo povo, analphabeto em sua grande maioria, sem consciencia sanitaria por isso que sem a menor noção de eugenetica, vive no melhor dos mundos, servido por um clima ameno e sem temperaturas extremas... "Nenhum outro povo tem tido, até hoje, vida mais descuidada que o nosso."

Não pode haver disfarces para esta affirmação de Alberto Torres já repetida pelo eugenista Renato Kehl, em cuja segunda mão fomos buscal-a...

E o que fazer?... Eis a questão.

Estas terras ferazes que são a Atlantida do nosso melhor sonho nacionalista, infelizmente encerram complicadissimos problemas de character sanitario. A protecção da raça — memoravel problema nacional — girando em torno de uma pathologia geral e de outra social, envolve tanta complexidade que ainda não fôra possivel para a sua solução, mais do que um ligeiro esbôço. A tuberculose, o alcoolismo, a syphilis, a verminose e a lepra são chagas sociaes que degradam a existencia desta nobre gente que tem o seu fundamento de nacionalidade de permeio com heróes e santos, guerreiros e poétas, por isso que fazendo jús ao vigor da saúde e as alegrias da vida. O typo burlesco de aspecto aparvalhado que o lapis irreverente do caricaturista empresta á physionomia de nossa gente, certo, não é o do homem brasileiro caldeado no sangue rubro das nossas raças de origem.

Longe dos tempos heroicos, o artista não sabe emprestar ao nosso modelo, nem por ironia, vislumbres de força, bravura, belleza e saúde... Porque nos encontra tristes, perdidos em o meio das pompas da natureza e nas garras insaciaveis das endemias...

**

A peste branca, como chamam a tuberculose, é um flagello da sociedade brasileira. Mata-nos de toda forma. Mata-nos, mais a nós que a outros povos, pelos pulmões, pelos intestinos, por via sanguínea, pela pelle, pelos ossos, dando-nos um coeíficiente mortuario verdadeiramente assustador. A nossa capital que nos relevos de seu aspecto physico e urbano é a mais linda cidade do mundo, o Rio de Janeiro, conta com uma população minima de 50.000 doentes tuberculosos, muitos dos quaes fontes activas de disseminação e de contagio. Não se pode dizer que seja assim em outras grandes cidades do mundo. O coeíficiente mortuario pela tuberculose, no Rio de Janeiro, para citar somente a capital, é de nivel tão elevado que perfaz 5.000 obitos annualmente, quatro vezes mais que Londres, Chicago, Nova-York, comparada a cifra de população. O mal dissemina-se facilmente por toda parte — do individuo váe á familia, á escola, ao exercito, á marinha, aos hospitaes, ás prisões, aos asylos, ás industrias, emfim a todos os ramos da actividade collectiva, invadindo, numa calamitosa cifra de contaminação, toda a engrenagem do organismo social brasileiro. Vamos assistindo, por isso mesmo, a fallencia e o completo descredito do que os phtisiotherapeutas chamam tratamento por medicação, alimentação, cura de ar e de repouso — o que não pretendo discutir, mesmo porque seria roubar as primissas do sabor litterario de um artigo de jornal para me afundar num mundo de cogitações scientificas. É preciso dizer que não temos ainda contra a tuberculose um serviço de propaganda e educação popular intensificado á altura dos prejuizos que a molestia nos determina. Urge, antes do mais, a fun-

dação de dispensarios escolares, de escolas ao ar livre e de colonias de ferias, pois a escola representa um ambito particularmente favoravel á defeza social anti-tuberculosa. No mais, o periodo escolar correspondendo ao periodo latente da tuberculose ganglio-pulmonar, torna-se o momento mais favoravel para o seu tratamento e a sua prophylaxia. Por sua vez, os preventorios infantis, para filhos de tuberculosos, seriam obra de grande alcance social. E' patriotico e sobretudo, humano intensificarmos a luta contra o contagio e a defeza do individuo são, por todos os meios ao nosso alcance, seja pela notificação compulsoria de todos os casos e não tão somente os de tuberculose aberta como exige o Departamento Nacional de Saúde Publica, restricção que rigorosamente não se justifica; pelo isolamento hospitalar, isolamento domiciliar, educação dos doentes, dispensarios, sanatorios, tudo emfim que possa corroborar na grande obra bemfazeja do exterminio ou pelo menos da diminuição de um *morbus* que mata um brasileiro de 15 em 15 minutos conforme a expressão chrono-mathematica do prof. Octavio de Freitas...

O isolamento hospitalar, entre nós, é insufficientissimo, attendendo á elevada cifra de doentes, e representa apenas a anti-camara da morte uma vez que só attrae ordinariamente os casos adeantados, isto é, os sujeitos á notificação obrigatoria, fontes que já disseminaram por serem de tuberculose aberta. Até certo ponto assim o quer a Saúde Publica, não attendendo á intermittença da eliminação dos bacillos com a alternativa de "aberto" ou "fechado" para o mesmo caso. E' bem verdade que sendo insufficientes os nossos hospitaes para a super-população de contagiantes, mais insufficientes ainda para a grande massa de doentes não contagiantes, isto é, daquelles que mais facilmente se podem curar.

Para o isolamento domiciliar por sua vez, falta ao nosso povo consciencia sanitaria, base de sua eficiencia, não se podendo confiar inteiramente, na educação dos doentes ministrada por visitadoras ou por enfermeiros da saúde publica, em geral em numero reduzidissimo em todo o paiz e por vezes sem a devida cultura especializada á prophylaxia da tuberculose.

No opulento problema do estado sanitario que nos degrada e infelicita, não é somente a tuberculose que nos está a merecer as nossas melhores armas de combate. Tambem a syphilis, o alcoolismo, as verminoses, a lepra... chagas que corrompem a existencia material, social e moral de toda a nacionalidade.

A maioria da população do norte do Brasil continúa a andar descalça. Os mucambos do Recife, pocilgas erectas ao lado dos palacios, são os mesmos viveiros de ankylostomos. O *necator americanus*, longe da bota e da fossa, continúa a ser combatido apenas com remedio, não se evitando as infestações e as reinfestações successivas!... E o progresso de um paiz é aferido pela educação hygienica do seu povo!

A syphilis, se bem que não atravesse mais os tempos terroristas quando os lueticos eram postos fóra das portas das cidades, entretanto está a nos merecer os mais rigorosos cuidados de prophylaxia.

Sem formalistica, sem rotina e sem mentira, estabelecâmos os nossos arrayaes de combate contra os flagellos que ameaçam as populações brasileiras.

Neste momento arrego-me o direito de uma revelação pessoal. E' a heliogravura mais môça de minha paixão idealista. Quando ainda academico de medicina — corria o anno de 1906, — tomei a liberdade de escrever a Oswaldo Cruz, sobre questões relativas a prophylaxia publica da syphilis e regulamentação sanitaria do meretricio, recebendo do glorioso sabio bra-

sileiro em resposta, uma carta autographa que ainda guardo no meu escritorio mais intimo e mais sagrado, em resposta aos quesitos por mim formulados sobre a questão. A audacia dos meus verdes estudos de medicina social, talvez me ajudasse a fortuna da ponderada resposta daquelle scintillante espirito de sabio. Ao primeira quesito: — “Julgo que a prophylaxia publica da syphilis entre nós, é um problema capital de hygiene.” Ao segundo quesito: — “Penso que a propaganda escripta, pela palavra, pela demonstração illustrada dos estragos produzidos pela syphilis são os melhores meios de educar o povo.”

Ao terceiro quesito: — “Quanto a regulamentação sanitaria da prostituição creio que ella poderá attender apenas a uma pequena face da questão. A prostituição clandestina trará irremediavelmente um grande contingente de casos.” Alri está a palavra autorizada de Oswaldo Cruz, considerando, ha mais de vinte annos passados, como um problema essencial, a prophylaxia publica da syphilis, e um problema a attender uma limitada face da questão, portanto problema não capital, a regulamentação sanitaria do meretricio, com o additivo de irremediavel crescimento da forma clandestina diante das exigencias da regulamentação. As reflectidas palavras do mestre e sabio brasileiro resumem o rigor da critica mais formal aos meios prophylaticos contra a syphilis. Os hygienistas, sem discrepancia, consideram a prostituição como um foco de ameaça perenne. Contra as memoraveis sacerdotizas do prazer se insurgem os moralistas de todos os tempos. Mas, o que fazer diante do magno problema quando a regulamentação attinge apenas uma pequena face da questão? Qual a garantia para a saúde publica? Não hesitarei em proclamar a excellencia dos serviços gratuitos em “postos” em “dispensarios”, de salubri-

dade em "consultorios" serviços convenientemente installados de modo que cada doente se subtraia á vista de outro doente, como se faz em Buenos Aires e noutras cidades que não adoptaram obsoletos systemas tresandando aos sebentos moldes de argumentos *á priori*...

*

**

Aqui, o phantasma do alcoolismo augmentando formidavelmente o diagramma do nosso obituario.

Seja-me permittido, diante do perigo social do alcoolismo parodiar a phrase do eminente prof. Renan, da Faculdade de Paris, que dava o alcoolismo como um mal francez.

O alcoolismo é um mal imminantemente brasileiro! Já eu affirmava isso perante o 1.º Congresso medico pernambucano realizado nesta capital em 1909, em these intitulada "Alcoolismo e Trabalho". Resta dizer porque é um mal.

E' um mal porque diminue as forças organicas perturbando o trabalho productor. E' um mal porque deforma os globulos do sangue, precipita a hemoglobina, deprime a tensão arterial. E' um mal porque perturba os phenomenos digestivos, retardando a peptonisação, destruindo a pepsina. E' um mal porque altera a trama cellulósa da glandula hepatica. E' um mal porque age sobre os pulmões diminuindo as trocas respiratorias. E' um mal porque ataca o systema nervôso degenerando-lhe as fibras, perturbando-lhe as funções do cerebro. E' um mal porque malifica o character do homem tornando-o bellicôso e por vezes incendiario. E' um mal porque conduz o homem á completa abolição de sua personalidade. E' um mal, finalmente, porque é um dos maiores males que infelicitam

a humanidade, fazendo tudo ruir, até o fio fatal de Atropos, a parca hedionda...

Tanta razão assistiu a Shakespeare no seu "King Lear" baptisando o alcool pela ignominiosa alcunha de Demonio!

E o homem, santificado por Bacchus mais indigno da justiça de Jehovah, de rastros no deboche, não recuando diante do crime, não é menos que o diabo também... E o peor é o que dizem os pathologistas, afirmando que as modificações morbidas podem transmittir-se por herança resultando phenomenos de involução physica e mental. Confirmam essa proposição com estatisticas ao serviço da observação clinica. Dentre mil idiotas que de 1880 a 1890 se hospitalisaram no Bicêtre, em Paris, puderam ser conhecidos os páes de 829 desses degenerados. Assim, dos 829 sabia-se que em 47 era o páe reconhecidamente alcoolista, em 84 a mãe, em 65 páe e mãe. Portanto em 75 % dos que se conheciam os páes, um ou ambos eram alcoolistas. O notavel pediatra dr. Nemme fez estudos comparativos entre dez familias prolfieras normaes com outras tantas familias prolfieras de páes alcoolicos. Destas ultimas havia sete em que só o páe abusava do alcool. Em todas as dez não se notava outra anormalidade. As dez familias alcoolicas tinham 57 filhos. Destes, 12 falleceram de anemia em tenra idade, 8 foram idiotas, 13 epilepticos, 5 anões, 5 surdo-mudos, 5 beberrões nos quaes depois se manifestou choréa e epilepsia. Donde se vê que somente nove escaparam á acção da herança pathologica. Ainda na segunda geração, de 37 somente dois resultaram productos normaes. O inverso: as dez familias normaes tinham 61 filhos e 50 eram perfeitamente normaes. Ninguem pode contestar o preceito de Legrain: "os degenerados cream alcoolistas como estes cream aquelles — circulo vicioso que o alcool entre-

tem." Felizmente, no momento actual, se congregam energias para a educação anti-alcoolica, provado que está o alcool alem dos prejuizos organicos que reflectem na especie degenerando-a, traduz prejuizos economicos que reflectem nas industrias diminuindo-as. E não foi pensando de outro modo que o "rei do aço" como chamam a Carnegie elevou a mais 10 % o salario dos operarios que se abstinham de alcool, calculado esse augmento sobre o valor da producção dos abstinentes.

*
**

Mas francamente de quantos problemas nacionaes que sangram a alma de nossa terra e de nossa gente um existe de feição particularissima — é o quase esquecido problema da lepra.

Não sei bem quantos são os leprosos do Brasil, mas sei que o seu numero elevadissimo já dá para preocupar o espirito nacional.

O eminente leprologo Belisario Penna no seu brilhante apostolado contra o mal de Hansen, nos dá a triste noticia de que temos mais doentes que as Indias Inglezas, demonstrando o seu asserto por meio de dados estatisticos incontestaveis.

Em seu trabalho publicado na "Gazeta das Clinicas dos Hospitaes", nos dá o hygienista patricio a apavorante cifra de 34.000 doentes para uma população de 30 milhões de habitantes. Ora, a India Ingleza em 250 milhões de habitantes conta apenas com 85.102 leprosos, pelo que, relativamente, o nosso numero é mais apavorante por isso que demanda de muito trabalho e de muito cuidado dos poderes competentes. Molestia ainda sem prophylaxia especifica, vae num crescendo assustador por todo o paiz, solapando as melhores

energias de nossa raça. Que Deus se amercie de nós, livrando-nos um dia de semelhante desgraça. A verdade é que do norte ao sul, a terrível calamidade nos acena. O Amazonas, conforme as estatísticas, conta com 265 leprosos por 100.000 habitantes, sendo que Manáos offerece o coefficiente de 480 por 100.000; o Pará com 208, offerecendo a sua capital o coefficiente de 542 por 100.000; o Maranhão com 191; Minas e São Paulo com 200 cada um para cada 100.000 habitantes; donde se segue que em 5 Estados do Brasil, com uma população total de 12.700.000 habitantes, o coefficiente dos acommettidos pela molestia de Hansen sóbe a numero superior a 2 por mil, sendo de notar, em o norte do paiz, a centralisação dos doentes nas respectivas capitaes. No interior do Estado de Minas, corre a crença de que o sôro do leite é um excellente remedio para a cura das ulceras leprosas, pelo que os doentes procuram trabalhos nas queijeiras e dahi, ao que se diz, ter-se encontrado pedaços de dedo dentro de queijos por mutilação leprosa. Esta noticia váe por conta do eminente medico e professor Mauricio de Medeiros em artigo sobre "a lepra em Minas", publicado no "Diario de Medicina", do Rio de Janeiro.

Parece antes umra lenda de caipira o que acaba de divulgar pela imprensa o illustre medico brasileiro. Entretanto, o facto foi authenticado por um representante do serviço da lepra de S. Paulo e communicado ao Departamento Federal se bem que desmentido ao depois pelo serviço de hygiene de Minas. Em todo caso aqui fica assignalado o facto como uma monstruosidade que nos cahisse aos olhos para nos fazer promover as mais legitimas attitudes de defeza e nos despertar os mais ardentes sentimentos de piedade. A doença de S. Lazaro é uma doença contagiosa, se propagando a um individuo são por um microbio conhecido por ba-

cillo de Hansen, maculando, deformando, mutilando, na sua faina sinistra. Devemos promover, por todos os meios scientificos, o isolamento do doente o que se vem fazendo em colonia, em hospital ou no proprio domicilio, já que não se conhece a prophylaxia especifica da molestia. A colonia é presentemente o processo ideal de isolamento. Entre nós, da Mauricéa, triste é dizel-o, o serviço de isolamento é feito attentando contra os mais comesinhos principios de hygiene social. O doente, depois de perambular pelas vias publicas em busca de um chamado "posto de lepra" que é tambem de syphilis e de molestias venereas, e que fica situado no centro da cidade vae ter ao hospital quando lhe mandam dalli. O hospital, conforme dou o meu testemunho pessoal, vivendo de migalhas, situado em zona fertil de mosquitos, com desprezo ás theorias de Lutz, mal adaptado ao fim a que se destina, hoje, não é menos do que lhe chamei ha alguns annos — mero deposito de doentes — é a negação de toda prophylaxia scientifica... Mesmo assim, ainda dizem, é dos melhores isolamentos do paiz...

*
**

Estas cinco chagas que depauperam a existencia da nacionalidade, assombrando-nos como phantasmas negros, resumem parte da sua triste historia numa dyscrasia total que contagionou cerca de 80 % dos brasileiros — o analphabetismo.

A syphilis, a tuberculose, a verminose, o alcoolismo e a lepra molestias sociaes, se attenuam com os remedios sociaes, carecendo, antes de tudo, retemperar o sangue da nação, melhorar a sua cráse, a sua hematose e o seu pulmão atelectasico, porque o paiz não

respira diante da onda de analfabetos que lhe vive a perturbar o inevitavel rithmo de seu progresso.

O Brasil é um paiz de problemas, mas o maior de todos pelo fundamento de sua barbaria, é o problema do analfabetismo.

Trabalhemos pelo futuro do Brasil. O quinto congresso brasileiro de hygiene, não seja simplesmente uma expressão burocratica. Seja, um marco luminoso que assignale toda a nossa actividade constructora. Seja antes de tudo, uma expressão de trabalho. Louvores aos que trabalham pela grandeza do Brasil!

Lins e Silva.

(Da delegação da Faculdade de Direito)
